

**100 ANOS
DE PESSOA**

É UM MENINO E CHAMA-SE FERNANDO

• **EDUARDO GUERRA CARNEIRO**, enviado especial ao século XIX



Fernando Pessoa, de poucos meses, ao colo de sua mãe, Madalena Ribeiro Nogueira

A máquina de viajar no tempo existe. Funciona. Assim, estive na Lisboa do século XIX, detendo-me especialmente no 13 de Junho de 1888, dia em que nasceu o poeta Fernando Pessoa. Dado que os saltos bruscos no tempo originam modificações no espaço, algumas personagens da literatura transformaram-se em gente real. Foi desta maneira que conversei com Carlos da Maia, João da Ega, Fradique Mendes. Como se podem processar rasgões no tecido social, relâmpagos no tempo, consegui chegar à fala com o astrólogo Raphael Baldaya e, na Rua dos Douradores, um outro Bernardo Soares contou-me do seu desassossego, no escritório de Godofredo da Conceição Alves, o marido enganado da Lulu. A Eça de Queirós roubei algumas páginas, já publicadas ou a publicar; de Cesário Verde, já morto, em 1886, procurei os ambientes; Oliveira Martins, num almoço no Tavares, deixou-me um parágrafo. A máquina de viajar no tempo permitiu-me estar nas festas de Santo António de há cem anos, assistir a um comício contra os jesuítas e saber histórias do dia-a-dia dessa Lisboa de outras eras.

100 ANOS DE PESSOA

O DIA EM QUE O POETA NASCEU

Ave de rapina

TOCAM os sinos da igreja dos Mártires. É dia de Santo António. Lisboa, 13 de Junho de 1888. Marquei encontro com Carlos da Maia e João da Ega no Largo do Loreto. Há mais de um ano que os dois amigos se reencontraram na capital, depois de Carlos ter viajado pelas sete paridas do Mundo para tentar esquecer a sua história terrível e incestuosa com Maria Eduarda.

Aí vêm eles, de mais uma almogarda no Hotel Bragança, ali na Rua do Ferragial de Cima. Avançam pelo Tesouro Velho, de braço dado, charu-

tos acesos. Vou ao seu encontro. Para Carlos a cidade é a mesma Lisboa de há dez anos, quando a deixou para viajar pelo estrangeiro, a esquecer dramas. Diz-me: «Repáre — nada mudou. A mesma sentinela ronda em torno à estátua triste de Camões. Os mesmos reposteiros vermelhos, com brasões eclesiásticos, pendem nas portas das duas igrejas. O Hotel Aliança conserva o mesmo ar mudo e deserto. Um lindo sol doura o lajedo; batedores de chapéu à faixa fugitam as pilecas; três varinas, de canastra à cabeça, meneiam os quadris, for-

tes e ágeis. Naquela esquina, vadios em farrapos fumam; e na esquina defronte, na Havanza, fumam também outros vadios, de sobrecasacas, polticoando.» E Carlinhos exclama: «Isto é horrível, quando se vem de fora!» Acrescenta: «Não é a cidade, é a gente. Uma gente feiíssima, encardida, molenga, reles, amarelada, acabrunhada!...» João da Ega repon-ta: «Todavia, Lisboa faz diferença.» E, muito sério: «Oh, faz muita diferença! Você há-de ver a Avenida...» Mas eu não estou ali para grandes tiradas, à Eça de Queirós. Pretendo que eles vão comigo até ao Largo de São Carlos onde quero saber novas do que se passa no quarto andar, esquerdo, do n.º 4, onde D. Maria Madalena Pinheiro Nogueira deve estar a dar à luz. Quero que Carlos da Maia me apresente ao médico. Pretendo que o João da Ega tente chegar à fala com uma das criadas da casa, a Joana ou a Emília.

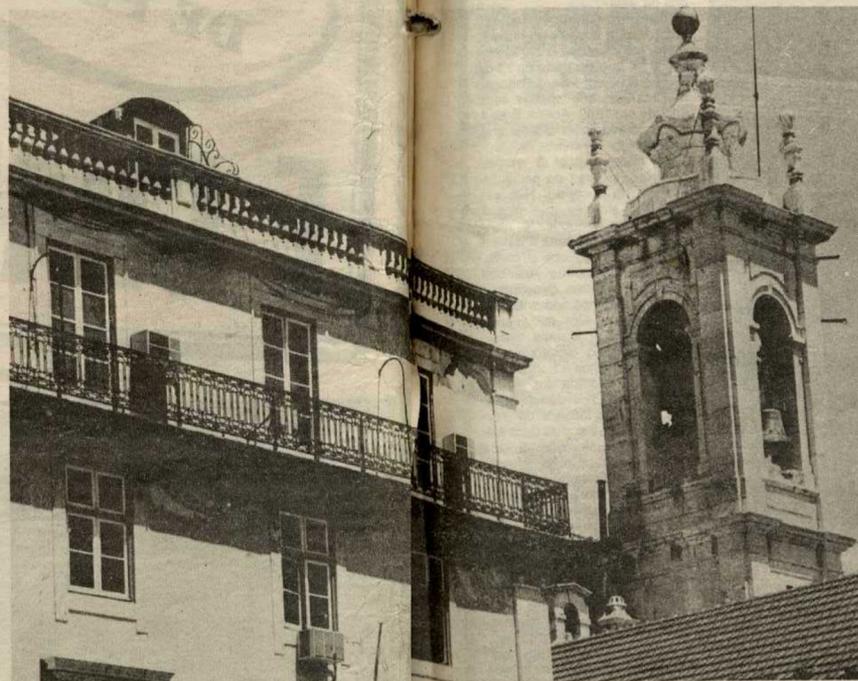
Fomos então descendo o Chiado. Do outro lado, como o Ega me faz reparar, os toldos das lojas estendiam no chão uma sombra forte e dentada. E Carlos reconhecia, encostado às mesmas portas, sujeitos que lá deixara havia dez anos, já assim encostados, já assim melancólicos. Mas lá estacionavam ainda, apagados e murchos, rente das mesmas ombreiras, com colarinhos à moda.

Diante da Bertrand Carlos ainda cumprimentou o Dâmaso Salcede, com quem em tempos outros esteve para se bater em duelo por causa de uma artilhada infame num

pasquim chamado «Cometa do Diabo», do Palma Cavaleiro. Insisti com ele — havia pressa. Já passava das três da tarde. O parto podia acontecer a qualquer momento. Cortámos então pela Rua de S. Francisco e não tardámos em chegar frente ao n.º 4 do Largo de S. Carlos. Eu apresentara-me aos dois amigos como correspondente de um jornal estrangeiro. Disse-lhes que era importante, não só em termos de «high-life», saber todos os pormenores sobre todos os factos que iriam rodear a criança que nessa tarde ia nascer. Falei-lhes mesmo nas trovas do Bandarra, na volta de el-rei Sebastião, na necessidade que tinha de saber tudo sobre a família que ali mora para poder depois consultar um astrólogo, talvez mesmo a mulher de virtude do Poço dos Negros ou a inculcadora Vitória da Calçada do Carmo, para outros encontros, outras hipóteses jornalísticas.

Levaram-me a sério. Ainda bem. Já o mesmo britânico em almoço de ontem com Fradique Mendes que, sem dizer nada a Eça de Queirós, agora preocupado com a sua colocação diplomática como cônsul em Paris, não chegou a saber que, em Junho de 88, ele visitou, quase incógnito, Lisboa. Ficou na casa de hóspedes onde vive habitualmente o seu primo Procópio, num terceiro andar da Rua da Palha.

Foi Fradique Mendes quem me indicou o nome do astrólogo Baldaya, durante um almoço numa taberna da Mouraria, diante de um prato complica-



A casa do Largo de S. Carlos onde nasceu Fernando Pessoa (no último andar) e a torre sineira da Igreja dos Mártires

do e profundo de bacalhau, pimentos e grão-de-bico. Para o gozar com coerência Fradique despiu a sobrecasaca. E como eu avançava ideias complicadas sobre esoterismo, ocultismo e sebastianismo, ao atacarmos o pletiu sem igual, Fradique, que já

me tinha dado o nome de astrólogo e a morada, falou com paixão: «Não ideias. Deixe-me saber esta bacalhoad, em pino inocência de espírito, certo tempo do senhor D. João antes da Democracia Crítica!»

Mas, agora, eis que sai do n.º 4 do Largo de S. Carlos, um sujeitoinho baixote, de óculos, obeso, transportando numa das mãos, na outra a bengala e as luvas, a inconfundível maleta de médico. Pareceu-me reconhecer o dr. Korth. Carlos, médico tam-

ém, avançou ao seu encontro. Falaram durante algum tempo, em voz baixa, e já os sinos da igreja dos Mártires voltaram a tocar.

João da Ega foi-me entretanto dizendo que é amigo do dono da casa, Joaquim de Seabra Pessoa, filho de um

militar do exército liberal, que lutou, no Algarve, contra as guerrilhas miguelistas do Remexido; bisneto de um cristão-novo que a Inquisição mandou queimar, em 1706, em Coimbra. Conta-me que é um excelente rapaz de 38 anos, funcionário na Direcção-Geral da Contabilidade Pública no Ministério dos Negócios Eclesiásticos e da Justiça, à noite jornalista e crítico musical no «Diário de Notícias», apaixonado por Wagner e por tudo o que é ópera, incluindo as cantoras líricas, como a Baresi. «Mas, coitado, é um sujeito doente. Dizem que a tuberculose já o mina!» — confidencia-me Ega.

João da Ega disse-me também que a parturiente, D. Maria Madalena Pinheiro Nogueira, agora com 26 anos, nasceu na ilha Terceira, nos Açores, filha de um juiz-conselheiro, Luís António Nogueira, e de uma açoriana, do ramo ilhéu dos Silvanos. D. Madalena teve educação esmerada: frequentou o colégio britânico de Miss Calif, à Rua do Alecrim, e teve como professor de língua inglesa o próprio preceptor dos príncipes Carlos e Afonso. Em solteira escrevia os seus versinhos.

Carlos, entretanto, já acabou de falar com o doutor (acabei por não saber se era ou não o dr. Korth): «É um menino e vão pôr-lhe o nome de Fernando. Como hoje é dia de Santo António será também António.» Com os meus botões pensei: «Não há dúvida. Trata-se de Fernando António Nogueira Pessoa.»

E contou depois que a criança nascera às três e vinte

da tarde e que tinha corrido tudo bem. Uma excepção: um ataque mais forte de loucura da avó paterna Dionísia, que vive nesta casa. A velha, em estado de transe, avançou para a alcova onde a nora tinha dado à luz, e debruçou-se sobre o berço onde estava a criancinha, com os olhos revirados, a boca meio desdentada, ruminando palavras indistintas. O médico, contudo, apercebeu-se que ela falava do Bandarra e de D. Sebastião e, depois, num clamor histérico, gritou: «Anticristo! Anticristo!»

Carlos da Maia diz a João da Ega: «O menino, tu é que tens jeito para essas coisas. Sobe ao 4.º andar e vê-se conseqües que uma das criadas velha cá abaixo falar com o senhor jornalista, para o caso de ele precisar de saber mais histórias. Lembra-te que temos ainda que ir ao Ramalhete. Está lá o Vilaça à nossa espera. Despacha-te! Eu vou procurar um galego para nos arranjar transporte.»

Eu concordei. Marcámos encontro, para um dos próximos dias, para um jantarinho a sério no Bragança. «Esta vez — que ferro! — não me vou esquecer de encomendar um grande prato de paio com ervilhas. E, para abrir, umas ostras regadas a chablis» — disse-me Carlos, em despedida, indo à procura de uma tipóia. Ega subiu já as escadas. Os sinos da igreja dos Mártires voltaram a tocar, como se estivéssemos numa aldeia. No silêncio que depois se fez pareceu-me ouvir, cada vez mais forte, o choro de uma criança.

NO «Diário de Notícias», de 14 de Junho de 1888, este saboroso «fait divers»:

«Era uma perfeita ave de rapina. E se não lhe acodem a tempo não sabemos onde iria parar nas suas proezas. Um criado que o sr. João Gagliardi teve ao seu serviço, e que se despediu há poucos dias, lembrou-se de andar por quase todos os estabelecimentos da rua da Escola Politécnica a pedir gêneros em nome daquele cavalheiro.

Por esta forma abriu conta na mercearia do sr. Coelho, na quantia de 4 mil réis; no bazar do sr. Martins de Almeida, 7 mil e 500 réis; na mercearia da esquina da rua de S. Marçal, 4 mil e 500 réis; no restaurante da rua de D. Pedro V, uma porção de pastéis; ao correio da rua do Alecrim mandou buscar um freio, e a casa do sr. Alfredo Anjos, uma guitarra, e quem sabe se existirão ainda proezas de igual força que se ignorem porque, até que parecia, o meliante pedia a toda a gente, não esquecendo até a farmácia Pinho e a tabacaria do sr. Zeferino, na rua da Imprensa Nacional. A polícia porém pôs termo a este viver à custa alheia, prendendo o larpiço que confessou as gatunices e que vai ser enviado para juízo.»



Em 1888 um dos adversários políticos de Louise Michel tentou assassiná-la durante uma reunião pública no Havre



Uma fotografia do pai do poeta, Joaquim de Seabra Pessoa, para o álbum de família

Comício & Festas

A hora a que Fernando Pessoa nasce, e dava os primeiros berros, terminava na Quinta do Ferreira, ao Rato, um comício antijesuítico dos estudantes de Lisboa. Com início marcado para a 1 da tarde, o comício, que esteve animadíssimo, chegou a juntar cerca de mil e quinhentos académicos das escolas da capital. A reunião foi presidida por Agostinho Fortes, tendo por secretários os seus colegas Alfredo Lopes Figueiredo e Tito Pagan. Todos eles, bem como António Quental Calheiros e António França Borges, exaltaram os estudantes de fora de Lisboa a que, durante as férias, façam uma grande propaganda antijesuítica nas terras das suas naturalidades, para obrigar o Governo a fazer cumprir e respeitar as leis do Marquês de Pombal, de Joaquim António de Aguiar e da Carta Constitucional. A sessão foi levantada aos gritos de «Viva a Liberdade!»; «Viva a emancipação da consciencial!»; «Abaixo os jesuítas!».

A noite foi a vez de se festejar o Santo António, o que já tinha acontecido de véspera, com descantes e queima de alcachofras. Na capital houve festa rija no Clube Nacional, a S. Pedro de Alcântara, com baile campestre; no Clube Popular, da rua Nova da Alegria, com fanfara; na Flor da Pena; no Jardim Terpsichore, na rua da Conceição (à Praça das Flores), com uma banda marcial; na Academia A Feniada, na calçada do Jogo da Péla; no Teatro Taborda; na Academia Recreativa 20 de Maio, na Travessa do Combro, à Lapa, com a actuação de um grupo de amadores bandolinistas.

Quem não quis ir aos bailes teve diversos espectáculos. No Trindade, às oito e meia, «A Cigarra»; no Coliseu, às oito e três quartos, a ópera-bufa «A Grã Duquesa de Gerolstein»; no Avenida, também às oito e três quartos, repetição da festa pela abolição da escravatura no Brasil; no Príncipe Real, a meios preços para todo o público, última sessão de «A Expulsão dos Jesuítas».

E pode dizer-se que a noite de Santo António se passou pacatamente e com placidez, dando pouco trabalho à Polícia. A Praça da Figueira, que noutros tempos dava largo assuro para os noticiários, apenas lhes deu uma meia dúzia de desordens, em que se trocaram alguns socos e bengaladas, de que não resultou, felizmente, um ferimento de vulto; algumas desobediências e dois ou três ébrios que tiveram de pernoitar nos calabouços policiais.

EGC

O ASTRÓLOGO BALDAYA

FRADIQUE Mendes indicou-me Raphael Baldaya como homem competente para fazer o horóscopo do menino que nasceu no 4.º esquerdo do n.º 4 do Largo de S. Carlos — Fernando de seu nome; Pessoa, da parte do pai.

Não foi fácil encontrar o seu poiso. Pela Rua Almirante Barroso, ali à Estefânia, procurei, sem dar por nada. Até que uma soperiça gorda e risonha me disse que no n.º 12, onde existe um pequeno armazém, pronto para trespassar, mora, por empréstimo, um sujeitoinho de óculos, magro, para ali com uns 25 ou 26 anos, de bigodinho fino, sempre de chapéu de feltro na cabeça, que se dá muito à bebida e é tratado como bruxo pela garotada da zona. O armazém, disse-me a rapariga, anda há muito a ser cobigado por uns alentejanos de apelido Sengo que ali querem montar negócio para deixarem a aldeia do sul e se fixarem em Lisboa.

Bati à porta. «Entre!», dizem-me de dentro. E ali está o famoso astrólogo Raphael Baldaya. Nestas coisas não gosto muito de conversa. Tenho um certo receio. Assim, logo disse ao que vinha. Face às indicações da hora do nascimento da criança, e depois de algumas contas, Baldaya revelou-me que o menino Fernando é Gémeos, com ascendente em Escorpião. Pedi-lhe para me fazer um horóscopo.

«Breve resumo são 500 réis; horóscopo detalhado são cinco mil réis, e se pretendo uma leitura detalhada, da vida e da sorte, terá de pagar dois mil e quinhentos réis» — advertiu-me Baldaya. «Breve resumo», digo-lhe eu, impressionado com os seus olhinhos penetrantes que pareciam faltar por detrás dos óculos redondos graduados. E logo se combinou a hora a que iria buscar o trabalho.

E pronto, aqui o público, com o respeito integral pela grafia do astrólogo, com algumas siglas que não me atrevi a perguntar o que significavam. Transcreva-se, então:

«A Aflicção da Lua por Saturno é um dos piores aspectos que há, 1.º, porque é a aflicção de dois astros de índole em certos pontos semelhante (aqui, no caso da Lua e Saturno, a depressão, a timidez, a melancolia, o atrazo/na/vida). Claro está que, os maus aspectos de Saturno para com a Lua, a conjunção, sendo um dos mais fortes, é dos menos maléficis em fim de contas; a conjunção da Lua e de Saturno implica, com efeito, um enorme atrazo, uma grande depressão, na vida; mas não implica que, passado que seja esse atrazo, sobrevenha, no fim, um desastre.

A conjunção de Saturno com qualquer astro, ou o seu mau aspecto com elle, atraza até ao primeiro trânsito de S. por S (cerca

de 30 annos) as promessas que estejam indicadas pela e bons aspectos d'esse astro. Mas aos 45 annos (app), si S passa em opposição, sobrevem uma perda dos beneficiários, ou um maleficio qualquer nesse ponto.

Com Marte dá-se o desvio por perturbação, por exde actividade, por dispersão activa.

S. contrahe de mais, aberta excessivamente; Marte de em excesso, desaperta demais.

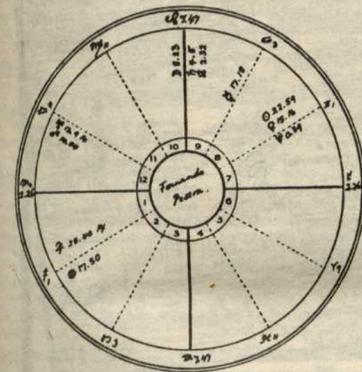
No que respeita aos maus aspectos de astros outros dois maléficis, não nos enganaremos se tivermos sempre, que todo o astro feminino afflige segundo Saturno, e tootro masculino segundo Marte.

Assim, uma quadratura de Vénus, da Lua, ou de Mercurio signio feminino (M., sendo neutro, tira a sua qualidade do que occupa) assemelha-se, no género de acção, a um mau asde Saturno, e na qualidade da acção e que mostra a natulos planetas aspectantes. Por outra, uma quadratura ou opposi e Sol, ou de Júpiter, ou Mercúrio em signio masculino, tomando o carácter do planeta aspectante, o rumo genérico da de Marte.

Suponha-se Mercúrio na nona casa, em Câncer, em oia com Marte em Balança na duodécima, significador dos intellectuaes, atacando Marte na duodécima, significador dos e desgostos, portanto: reult que a acção intellectual do nã atrazada por desgostos intensos (12.ª casa), dispersivo, produzidos por suas relações com o meio em que vive. Será atrazada, não mal distribuída, porque Mercúrio está no feminino. Há dispersão no caso de que se trata, mas essem de Marte, não de Neptuno: o phenomeno essencial é to; coincidente e provador a dispersão interior.

Assim, no horóscopo literário de que se trata, tema demora na produção de trabalhos intellectuaes; se a influa quadratura fosse marcial, pela posição de Mercúrio eno masculino, teríamos uma excessiva dispersão manifestada; e publicações de mais, em gêneros de mais para serem per.

Acção intellectual (M. na 9.ª), intensa (asp. de Marte), da (quadr. de Merc. feminino) por desgostos, arrelias e perd.) provocadas pelo próprio individuo (Marte regente), nas relações com o meio em que vive (Balança), e a sua incapade lutar com esse meio (Marte débil).»



Destinações:
 ♃ - S. 4.35
 ♄ - S. 6.6
 ♅ - N. 18.03
 ♆ - N. 18.07
 ♇ - N. 18.81
 ♈ - N. 18.81
 ♉ - N. 22.21
 ♊ - N. 22.9
 ♋ - N. 22.15

Aspectos & MC:
 ♃ ♄ ♅ (L+M)
 ♄ ♅ (L+M)
 ♅ ♆ (L+M)
 ♆ ♇ (L+M) ♄ (L+M) ♅ (L+M)
 ♇ ♈ (L+M) ♄ (L+M) ♅ (L+M)

Horóscopo de Fernando Pessoa



A avó paterna, Dionísia Estrela Seabra, que morreu doida em casa da família, na Rua da Bela Vista à Lapa

Absinto

UM despacho da agência Havas: «Apresentou-se há dias a um comissário da Polícia de Paris um sujeito dizendo-se autor das notas falsas apresentadas ao Banco de França.

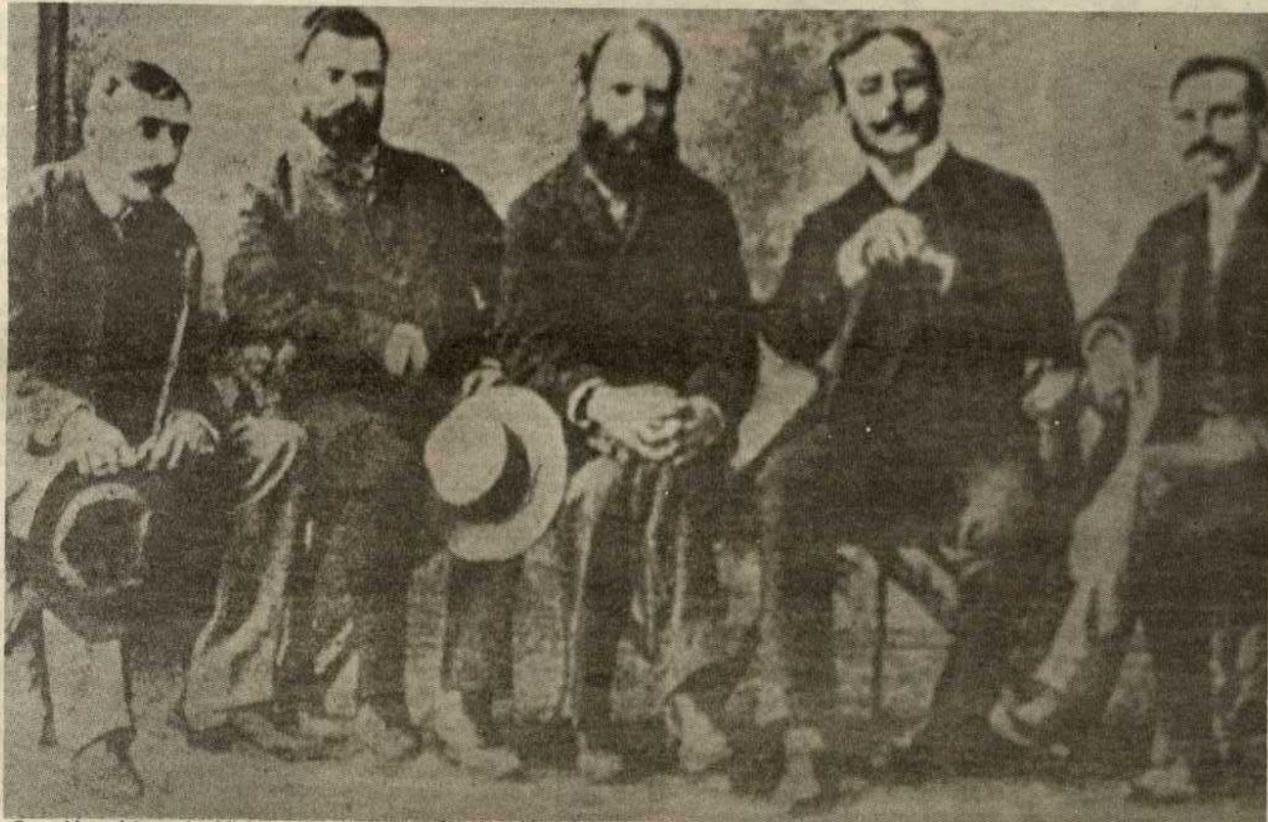
O declarante era um doido fugido de Ville Evrard. Foram-lhe encontrados dois livros de lembranças. Num deles estavam indicadas as vezes de absinto que havia bebido e que se são trezentas e oitenta e sete mil setecentas e vinte e duas! No outro uma lista das suas conquistas femininas, que pela quantidade, senão pela qualidade, fariam inveja ao próprio D. Juan.»

EGC

100 ANOS DE PESSOA

VENCIÇOS DA VIDA

TODOS eles foram influenciados por Baudelaire e Edgar Allan Poe. E, claro, por Proudhon e pelos realistas franceses: Flaubert, Zola, Victor Hugo, Balzac. Também pelos russos: Tolstoi, Dostoievski. Mas já Rimbaud escrevia versos e Van Gogh pintava, furiosamente. Gomes Leal, em 1884, publicou o seu «Anticristo».



Os «Vencidos da Vida»: Eça de Queirós, Oliveira Martins, Antero de Quental, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro

Eça de Queirós dedica-se à sua obra literária. Acaba de aparecer nas livrarias lisboetas o romance «Os Maias», topo de um trabalho romanesco. Eça refugia-se também na diplomacia — foi o nosso cônsul em Havana, em Newcastle e, agora, foi colocado em Paris.

Antero, perdidas as grandes esperanças de 71, da Comuna de Paris, afogada em sangue, desiludido com os operários portugueses, cada vez mais descrentes do socialismo, virados agora para o anarquismo, mora já há uns anos numa praia do Norte do País, em Vila do Conde. Já nem faz sonetos. Ouve as vagas rebentarem nas penedias da Senhora da Guia,

passeia pelo longo areal das Caxinas, até à Póvoa, sonha com as mônadas de Leibnitz.

Guerra Junqueiro, passada que foi já a fase anticlerical de «A Velhice do Padre Eterno», embora continue a ser deputado «progressista», casou bem, fixou-se em Viana do Cas-

telo, começa a dar mais atenção às suas propriedades do Douro e a interessar-se pelos negócios das antiguidades.

Ramalho Ortigão, a «Ramalhial figura», mais velho que os outros, é, vendo bem, um contador do «Portugal Antigo». Entretanto-se como jornalista,

com ferroadas por vezes certeira, e no seu emprego de funcionário da Academia.

Só Oliveira Martins, com quem almoço no Tavares, continua a interessar-se pela «res publica», colaborando e dirigindo jornais, pensando a políti-

ca, aceitando cargos públicos — a Companhia de Moçambique, a «régie» dos Tabacos —, procurando fazer vingar os ideais desta geração de 70, inicialmente conhecida por «Vida Nova». Mas foi o próprio Oliveira Martins quem, a uma destas mesas do Tavares, rebaptizou a

sua geração como os «Vencidos da Vida».

Pois foi Oliveira Martins quem, ainda à mesa do restaurante, me ofereceu o parágrafo seguinte, que faz parte da introdução ao seu livro «Portugal nos Mares», que apenas será editado em 1889. Aceito. E aqui o transcrevo, com o seu tom profético:

«O nosso querer é apenas platónico, incapaz de nenhuma espécie de sacrifício. Não somos tão simples que o não sintamos: o português é inteligente. O que nos falta é a mola íntima, rija de aço, que se partiu. Por isso buscamos iludir-nos como os doentes desengañados. Deitamo-nos aos anestésicos. Com o etér da finança esquecemos a anemia económica e com o clorofórmio da jogatina suprimos a fraqueza do trabalho; a morfina dos melhoramentos vai-nos dando horas regaladas, e o láudano do orçamento o pão-nosso de cada dia. O cloral da emigração afasta a necessidade cruel dos tratamentos antiflogísticos; e a cocaína do trânsito, pretendendo em vão tornar esta faixa litoral da Península uma terra de passagem, estalagem brunida e sécia para uso do mundo que se diverte, procura pôr o sol em acções — e quem sabe se a própria lua das nossas noites encantadoras, ela que desenrola o seu meigo velário de prata para também nos iludir com perspectivas fantásticas sobre a nudez da terra que habitámos!»

É profético, ou não, caro leitor?

E.G.C.

DESASSOSSEGO

CRUZOU por mim, veio ter comigo numa rua da Baixa, um homem mal vestido que não era pedinte de profissão. Vim depois a saber que era guarda-livros. Segredou-me: «Sei quem você é, senhor jornalista. Também eu descobri a máquina de viajar no tempo. Vá ter comigo ao escritório da firma Alves & C.ª. Tenho um documento para lhe dar.»

Fui. Godofredo da Conceição Alves, nesse mesmo dia quente de Junho, ia ter uma dolorosa surpresa: a sua esposa adorada, D. Ludovina, na intimidade a Lulu, enganava-o com o seu próprio sócio da firma instalada numa rua da Baixa: o Alves.

Ora, enquanto Godofredo avançava, encalorado, para a Rua de S. Bento, a levar de surpresa presentes de aniversário para a Lulu, eu abria o batente de batão verde do meu escritório, na Rua dos Douradores, e encontro aquele homem que cruzou por mim, veio ter comigo, numa rua da Baixa.

O guarda-livros, moço amarelado, de aspecto doente, sorriu. Espalhou areia sobre a larga folha que acabava de escrever e disse, sacudindo-a: «O meu nome é Bernardo Soares. Isto diz-lhe alguma coisa? Gagujei, mas disse que sim. Então o moço rapou de um papel e deu-me, acrescentando: «Publique estes três parágrafos, lá no seu jornal. Devem servir para compor melhor as páginas.» E mais não disse. Sai para a rua cheia de sol vago onde há casas paradas e gente que anda.

E aqui estou a transcrever o documento, assinado por Bernardo Soares:

«Tenho diante de mim as duas páginas grandes do livro pesado; ergo da sua inclinação na carteira velha, com os olhos cansados, uma alma mais cansada do que os olhos. Para além do nada que isto representa, o armazém, até a Rua dos Douradores, em fileira as prateleiras regulares, os empregados regulares, a ordem humana e o sossego do vulgar. Na vidraça há o ruído do diverso, e o ruído do diverso é vulgar, como o sossego que está ao pé das prateleiras.

Baixo olhos novos sobre as duas páginas brancas, em que os meus números cuidadosos puseram resultados da sociedade. E, com um sorriso que guardo para meu, lembro a vida, que tem estas páginas com nomes de fazendas e dinheiro, com os seus brancos, e os seus traços à régua e de letra, inclui também os grandes navegadores, os grandes santos, os poetas de todas as eras, todos eles sem escrita, a vasta prole expulsa dos que fazem a valia do mundo.

No próprio registo de um tecido que não sei o que seja se me abrem as portas do Indo e de Samarcanda, e a poesia da Pérsia, que não é de um lugar nem de outro, faz das suas quadras, desrimadas no terceiro verso, um apoio longínquo para o meu desassossego. Mas não me engano, escrevo, somo, e a escrita segue, feita normalmente por um empregado deste escritório.»

A collage of historical newspaper pages from 1888, including 'Diario de Noticias' and 'O Seculo'. The pages contain various news items, advertisements, and public notices. Notable headlines include 'FUGOS DE ARTIFICIO', 'GRANDE HOTEL CLUB', and 'Caldas do Gerez'. The text is dense and typical of late 19th-century journalism.

Dois jornais do dia em que nasceu o poeta e a publicidade da época

Os pontos nos is

O seu a seu dono, como diz o ditado. Ora, para pôr os pontos nos is desta reportagem, apenas com duas ou três pinceladas de ficção, ela baseou-se em diversas fontes históricas, literárias e jornalísticas. Para além, como é evidente, da obra de Fernando Pessoa.

A Paulo Cardoso, com os meus agradecimentos, devo o inédito de Fernando Pessoa sobre o seu próprio horóscopo — também feito por ele — e cujo texto eu atribuí a Raphael Baldaya, heterónimo do poeta para esta temática. Paulo Cardoso recolheu do espólio de Pessoa centenas de páginas sobre astrologia e espera editar em breve três volumes: um «Tratado de Astrologia», que Pessoa assinou como Raphael Baldaya; uma recolha da actividade do poeta como astrólogo, tanto em relação a si próprio como em relação aos

outros; um terceiro volume com todos os restantes originais assinados por Baldaya, mas fora do âmbito astrológico.

As notícias dos dias 13 e 14 de Junho de 1888 fui buscá-las aos jornais da época, nomeadamente ao «Diário de Noticias» e ao «Século». As fotos — na sua grande maioria — são do livro de Maria José de Lancastre, «Fotobiografia de Fernando Pessoa» (ed. Imprensa Nacional).

Principais livros consultados e citados: «Vida e Obra de Fernando Pessoa», de João Gaspar Simões (ed. Bertrand); «Os Maias», «Correspondência de Fradique Mendes», «O Primo Basílio» e «Alves & C.ª», de Eça de Queirós; «Obra em Prosa de Fernando Pessoa», de António Quadros (Europa-América); «Portugal nos Mares», de Oliveira Martins (ed. Ulmeiro).

E. G. C.

A propósito do centenário do nascimento de Fernando Pessoa, que ontem se comemorou, o Presidente da República enviou uma mensagem à UNESCO, onde se celebra, até dia 17, a efeméride. Dela aqui damos conta, assim como de alguns dos acontecimentos que se espalharam um pouco por toda a Lisboa.

PESSOA: «UM SÍMBOLO UNIVERSAL»

«**F**ERNANDO PESSOA é hoje um símbolo universal da cultura portuguesa. O seu nome e a sua obra alcançaram em todo o Mundo uma ressonância sem par. As traduções sucedem-se. Os estudos proliferam. O interesse, a atenção, a paixão não cessam de aumentar» — disse o Presidente da República, Mário Soares, a propósito do centenário do nascimento do poeta, numa mensagem que foi enviada às celebrações que a UNESCO ontem realizou pelo mesmo motivo.

«Ao celebrar os cem anos do seu nascimento, em Lisboa, no dia de Santo António, Portugal sabe que o faz em comunhão com povos de diversas línguas e culturas, oferecendo simbolicamente ao património cultural da humanidade a obra deste poeta genial que deu à língua portuguesa os ritmos e o timbre de uma nova modernidade.»

Para o Presidente da República, a obra de Pessoa «cristaliza fulgurantemente na «Mensagem», um monumento de insuperável beleza, força e majestade» e constitui «uma epopeia que canta um Portugal mítico, misticamente desocultado e permanece como uma voz que nos toca, possui e ilumina, vinda do fundo dos tempos e das eras para regressar magicamente ao futuro do passado».

Na sua mensagem, Mário Soares refere que «durante os breves quarenta e sete anos da sua vida, este homem tímido, cerebral, cultíssimo, quase secreto, construiu

uma obra prodigiosa na qual estão inscritos muitos dos dramas, das angústias, das perplexidades e alguns dos bloqueios da consciência contemporânea». E acrescenta: «Sentindo-se e sabendo-se desapossado de si mesmo, quebrada a unidade da consciência, Pessoa encenou um prodigioso drama em gente, palco onde a sua verdadeira vida se cumpriu e alcançou sentido e justificação.»

Refere ainda na sua mensagem, Mário Soares, que «os heterónimos que se aglomeram e chocam no território imaginário da sua solidão essencial, são os mensageiros de uma tragédia de ausência, vazio, renúncia, exaltação e desespero que apenas na sua poesia se torna omnipresente e avassaladora».

O Presidente da República, no decorrer das comemorações do centenário do nascimento do poeta, deslocou-se ontem, ao princípio da tarde, ao Mosteiro dos Jerónimos para depositar um ramo de flores no túmulo de Pessoa e assistiu depois, no Palácio de Belém, à abertura de uma exposição de pintura evocativa do escritor, mostra que recebeu o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, mas que foi promovida pela própria Presidência da República e que inclui trabalhos de pintores portugueses, entre os quais figuram Almada Negreiros, Vieira da Silva, Júlio Pomar, Costa Pinheiro e Mário Botas.

CORRÊA DOS SANTOS



Mário Soares sentado lado a lado com a estátua de Fernando Pessoa da autoria do mestre Lagoa Henriques frente à Brasileira do Chiado

A máscara do oculto

• RODRIGUES DA SILVA

CINEMA/ANTESTREIA

UM génio dá para tudo. Ontem, no espaço de trezentos metros, entre a Brasileira do Chiado e o São Luiz, isso ficou bem patente em Lisboa. Não tanto pelas múltiplas máscaras de Fernando Pessoa, mas pelas interpretações que dela se fizeram a propósito do centenário. A porta da Brasileira fica doravante a estátua naturalista de um cliente circunspecto e por sinal pouco parecido com o poeta.

Frente ao Teatro S. Carlos, houve durante dois dias a expressão transbordante e algo «naif» do sentimento camarário por um Fernando Pessoa nascido, é certo, no dia de S. António, mas cuja obra dificilmente é assimilável ao «arquinho e balão».

Finalmente, no São Luiz, antestreu-se o filme «Mensagem», de Luís Vidal Lopes que vê o poeta pelo lado oculto e esotérico.

Os festejos acabaram, a estátua por lá ficará, resta o filme e dele falemos.

Falemos, antes de mais, para dizer que Luís Vidal Lopes dá mostra de uma grande coragem intelectual ao abordar Pessoa precisamente pelo lado menos popular (se é que em Pessoa de popular há alguma coisa), melhor dizendo pela mais difícil das abordagens.

Filmar a «Mensagem» já em si é um desafio. O desafio torna-se maior quando o risco que se assume não é filmar a «Mensagem», mas «a mensagem» da «Mensagem».

Aposta ganha? Aposta perdida? Em termos de interpretação poética e mesmo filosófica, a tese de Luís Vidal Lopes surge coerente e o autor consegue articular relativamente bem a vida e a obra de Pessoa à luz de um esoterismo transcendente. Neste particular, apenas me parece

mais o recurso ao heterónimo Alberto Caeiro surgido no final do filme.

Em termos propriamente cinematográficos, à parte certas crispções da representação, da responsabilidade do realizador, o filme consegue resistir àquilo que pareceria um perigo fatal: a mistura do real e do simbólico.

A ideia de colocar Pessoa à janela do seu quarto vendo o passado e antever o futuro de Portugal era de difícil concepção, mas Luís Vidal Lopes consegue aguentar o filme, sem que a ênfase das imagens se torne excessiva.

A estrutura dramática desta «Mensagem» é mesmo suficientemente sólida para suportar um dos defeitos maiores do filme: a confusão quase permanente entre o discurso do poeta e a voz «off» pela qual o próprio realizador se exprime.

O que me encanta mais neste filme é ele assumir-se sem a mínima concessão à vulgaridade, é ele ser capaz

de evitar a todo o momento o academismo, é a revelação de um realizador que se mostra capaz de filmar vários registos pessoanos: do épico ao lírico, tudo se integrando na mesma lógica dramática.

Um génio como Pessoa dá para tudo hoje. Para uma estátua em bronze e até para um filme feito em condições mais do que artesanais, inclusive com restos de película fora de prazo.

Não será propriamente um elogio o dizer-se que há mais talento e criatividade num plano deste filme do que na estátua toda com que a partir de ontem Lisboa se «enriqueceu».

«Mensagem», de Luís Vidal Lopes, é uma produção de A Quilmeira do Ouro, com Filipe Ferrer no papel de Fernando Pessoa e interpretações, também, dos seguintes actores: Alvaro Simões, António Pires, António Miguel, Canto e Castro, Cristina Hauser, Henrique Sapatinha, Isabel de Castro, Joaquim Vidal, Manuel Cavaco, Nuno Mello, Rui Bettencourt, Sebastião Arenque e Susana Borges.

VER CAMÕES

«Contemplar Pessoa e Ver Camões» foi a apreciação do Presidente da República, Mário Soares, citando Krus Abecasis, na inauguração da estátua do poeta Fernando Pessoa, ontem realizada frente à Brasileira do Chiado, em Lisboa — informa a Lusa.

A estátua em bronze, que está situada frente ao monumento que representa o autor dos «Lusíadas», é da autoria do mestre Lagoa Henriques e representa o poeta sentado a uma mesa do café com uma cadeira vaga a seu lado. A intenção foi — segundo o presidente da Câmara Municipal de Lisboa — promover «o convívio entre a cidade e o seu poeta». Krus Abecasis acrescentou que Pessoa é uma imagem de Portugal: «Um homem simples que se tornou num homem universal.»

Referindo-se ao autor da «Mensagem» como «um homem com uma alma maior que o seu corpo», Krus Abecasis citou o escritor apelando para a formação de «um quinto império que deve ser o do entendimento entre os homens».

Na cerimónia estiveram também presentes diversas personalidades do meio político e cultural, destacando-se, entre eles, a presidente do Centro Nacional da Cultura, Helena Vaz da Silva. Mestre Lagoa Henriques, autor do trabalho, diria, durante a cerimónia, que se sente profundamente honrado «por ter assim podido dialogar frente a frente com o poeta que sempre admirou».

A obra, que demorou três meses a ser realizada, foi concebida em barro para depois ser transposta para o bronze e representa o poeta sentado a uma mesa de configuração idêntica às da Brasileira. Com uma cadeira vazia a seu lado e uma mão sobre a mesa, o escritor convida o transeunte ao convívio «pondo uma mão na mesa numa atitude pragmática à paz entre os homens» — disse Abecasis. «Porque a mão é o que temos, ou define quem não somos», escrevia o poeta num pequeno panfleto atirado ao ar.

ELECTRO SANTO ANTÓNIO
Av. D. Sebastião, 69-A — Tel. 290 30 68
COSTA DA CAPARICA

CAMPANHA

10.º ANIVERSÁRIO

10% Desconto em todo o material até 15 de Junho de 1988

